

FineArt

Fotógrafos e arte fotográfica

João de Castro discorre sobre a fotografia, o renascimento dos autores dentro da mesma, a descoberta e aprendizagem de caminhos.

Antes do mais, e enquanto fotógrafo, defendo que devemos manter a integridade da nossa autoria fotografando por nós próprios, independentemente de como os outros nos possam enquadrar e sem nos preocuparmos em corresponder aos diversos públicos do nosso trabalho. Devemos cultivar um certo nível de autismo saudável em relação à teorização e crítica, mantendo-nos simples, originais e estreitamente envolvidos com o nosso impulso no acto fotográfico. Esse é o caminho de quem se apaixonou pela fotografia e com ela vive.

De forma alguma pretendo abonar a favor da ignorância em relação à teoria, história e mercados da fotografia e da arte, mas uma coisa é crescermos com o conhecimento, outra é moldarmo-nos no objectivo desta ou daquela denominação fotográfica/artística e seu protagonismo. Acima de tudo, devemos nascer e renascer consecutivamente enquanto fotógrafos e autores, dando o que temos de mais e de nosso em cada trabalho. É uma questão de honestidade conosco próprios e com os outros. Um fotógrafo comprometido com o acto fotográfico vale pelo seu trabalho, à parte de como é rotulado e de ser amador ou profissional.

Tristemente, nos últimos anos, faleceram grandes fotógrafos, como Richard Avedon, Helmut Newton, Jean Loup Sieff e Herb Ritts, que agora pertencem (ainda mais) à história da fotografia enquanto únicos. Ao longo de vários anos das suas carreiras, li e reli depoimentos seus, constatando um alheamento da sua parte ao lugar que lhes atribuíam...“apenas” fotografavam. Exemplos a ponderar...

Divagação e consciência

Relativamente à arte fotográfica, é incontornável entrarmos pela linguagem e seus significados, área “pantanososa” e confusa quando não entendemos o todo de um assunto, ou nos deixamos cair na inversão do objecto e termo. Ou seja, as coisas tomam nomes numa perspectiva de simplificação e comunicação, não são as coisas que se moldam aos nomes. Como em toda a nossa sabedoria, existe a tentação de divagar longamente sobre o nome que uma coisa toma, afastando-nos da coisa em si. E chamo “coisa(s)” porque na realidade tudo são coisas que nomeamos, e é nesse sentido que deve-

mos manter a linguagem apenas enquanto ferramenta intelectual e não enquanto objecto ou objectivo. O mau entendimento da linguagem gera discussões estereis que só desvalorizam os fotógrafos e a própria fotografia.

Alimentando falsas intenções e protagonismos ocultos, utiliza-se a expressão de arte fotográfica de uma forma desinformada e abusiva, havendo uma vontade imperiosa de ser “artista”. Nada pode ser mais incorrecto e pretensioso. O autor de arte fotográfica não é melhor ou mais do que os outros fotógrafos; são diferentes, e cada um desempenha o seu papel na fotografia.

É certo que facilmente temos admiração pelo expoente que a fotografia artística pode atingir e a forma como nos sensibiliza, mas nem por isso desconsidera as “outras fotografias”.

Na sua raiz latina “ars”, o significado original de arte define-se como “habilidade ou técnica específica”, conceito básico, lato e desactualizado em relação à cultura, nos tempos modernos remetendo a arte fotográfica (e as artes plásticas) para a expressão artística, que se define como: “Representar subjectivamente em obra de arte conceitos, sentimentos e estados de consciência.”

Fazer ou tirar fotografia

Sendo a definição mais correcta para o que denominamos arte no âmbito da criação e autoria, concluímos que:

– A habilidade de fotografar, independentemente do seu propósito e levada a um ponto qualitativo elevado, é a arte de fazer fotografia.

– O processo e resultado do acto fotográfico que prioritariamente expressa um sentimento e/ou ideia como objectivo é arte fotográfica.

Na minha perspectiva e simplificação do assunto, simplesmente observo que os fotógrafos exercem a acção de fotografar de uma de duas maneiras:

– “Tiram” fotografias, estando prioritariamente interessados em reter determinada acção ou momento por si só.

– “Fazem” fotografia ao expressarem-se e ao tomarem a fotografia enquanto canal.

Parece-me bastante simples, e a minha definição de “tirar ou fazer” fotografia é uma síntese factual e em nada pejorativa; simplesmente

são actos diferentes nos seus propósitos, processos, linguagens e resultado final, mas ambos fotográficos.

Assim, o “ser ou não ser” arte fotográfica prende-se tão-só com as suas características e não com a qualidade técnica ou gosto de cada um. E se uma fotografia se enquadra declaradamente num propósito expressivo mas nos desagrada, não deixa por isso de ser arte fotográfica, mas má na nossa opinião. O mesmo é válido ao inverso, pelo que podemos ter uma fotografia de nu (por exemplo) que nos agrada muito, tecnicamente “perfeita” e com uma modelo irrepreensível, mas se não existir um propósito declarado e evidente em que o nu é o canal do autor para um objectivo de expressão estética, idealista ou sentimental, esta fotografia não será arte fotográfica. Sem a característica de expressão do autor e a justaposição do tema enquanto canal, teremos o nu enquanto objectivo, sendo um nu exposto e documentado, não um nu artístico.

Realidade e suposições

Em todas as expressões artísticas, os temas são canal do autor para um objectivo a expressar, “apenas” matéria-prima para moldar e dar forma.

Na apreciação e crítica existe pudor em considerar que há boa e má arte, levando a que os trabalhos que não nos agradam sejam rotulados como “não arte”, e aqueles que nos tocam mais profundamente sejam elevados a patamares a que por vezes não pertencem... a soberania da crítica pertence a cada um, mas de acordo com a nossa sensibilidade e conhecimento (teórico/prático) da fotografia e da arte. Não nos podemos alhear da característica das coisas que lhe conferem o seu nome. No que respeita à sensibilidade, a posição crítica é pessoal e varia com a nossa mentalidade e a cultura em que nos inserimos. Em relação ao conhecimento, a crítica deve de ser doseada face aos conhecimentos que possuímos (ou não) e devidamente fundamentada.

Como nota final, não esquecer que, na apreciação e crítica de arte fotográfica, a obra final de cada fotógrafo deve ser encarada enquanto acabada e única, pelo que os pareceres críticos se devem concentrar no que nos é dado a ver, e não na ideia que temos do que a fotografia poderia ser se o autor tivesse feito “assim ou assado” – atitude que actualmente abunda, sobretudo na Internet. Distingamos conteúdo, execução técnica e qualidade final do trabalho, sendo que na liberdade de expressão “vale tudo”.

Como extensão da arte fotográfica, o próximo tema a abordar nesta coluna será a Fine Art, vértice de tantas discussões e mal-entendidos nesta época em que a arte fotográfica e a tecnologia se cruzam cada vez mais. ☐

